

JOHN DEWEY, ANISIO TEIXEIRA
E A RENOVACÃO EDUCACIONAL DO BRASIL ATUAL

Trabalho revisto e alterado para
efeito de publicação, por Lauro
da Silva Becker.

EQUIPE: Carlos Avosani
Lauro da Silva Becker
Solange Maeder

INTRODUÇÃO

Todas as pesquisas na área da educação têm demonstrado a constante preocupação dos estudiosos para encontrar meios suficientes para resolver os problemas que atingem o sistema educacional.

Exposta a todos, a educação se configura na sociedade, ora sofrendo as influências dos outros subsistemas, ora atuando diretamente na tessitura em que se insere. Daí a dualidade existente no complexo de valores exigidos pelo homem: Educação conservadora, persistente em continuar o zelo e o prestígio das tradições e educação transformadora, revolucionária, objetiva e voltada para as reformas e às novas categorias adventistas. Estas duas roupagens preocupam os responsáveis pela educação no sentido de organizar linhas de ação que atuem coordenadamente no presente, traços do passado, e, arranjem as perspectivas de atuação no futuro.

Nessa intriga tempestuosa não atua somente a educação, mas a economia, a religião, a legislação em geral, a política e os outros ramos do sistema social, preocupando-se com a dinâmica transformacional do homem, no contexto em que vive.

É impossível o arranjo de uma forma de solução para os problemas educacionais, uma vez que, o tratamento deveria ser iniciado pela raiz e expandir-se numa contextura mais ampla e complexa. E seria este um bom caminho? O interessante, acreditamos, não estaria na tentativa de encontrar um remédio definitivo para a solução desses problemas, mas a busca de questões que ativassem as soluções a partir de sua natureza e origem. O problema formulado e delimitado, julgamos, mostraria, parcialmente, o caminho para a solução.

Na realidade, sabemos que a educação vive inundada por gravíssimos problemas, mas se nos fizessem apontar, não os conheceríamos, ou se os conhecessemos não saberíamos onde começam e onde terminam.

Neste trabalho, tivemos a incumbência de analisar os aspectos gerais da renovação educacional no Brasil, frente às colocações de John Dewey e Anísio Teixeira.

Evidentemente nosso propósito não se constitui na elaboração de regras ou de meios que propiciem soluções ou receitas para a educação atual. Na verdade, ele parte das reflexões dos dois estudiosos, para daí analisarmos as perspectivas dessa renovação educacional. Em seu contexto geral, ele trabalha com alguns indicadores bibliográficos que se bifurcam em possíveis inferências analíticas. Daí, nosso objetivo: Analisar e criticar as propostas de John Dewey e Anísio Teixeira, face à renovação educacional brasileira.

A partir de uma abordagem filosófica procuraremos fundamentar recursos cabíveis a uma escola operacionalmente ativa e dessa representação trabalhar com os princípios que norteiam a educação dentro do trilão tempo, espaço e ação.

Acreditamos que o valor intrínseco, se houver algum, deste trabalho, não está na criação de novos valores para a educação, mas na organização de fatores que possam auxiliar o leitor na sua reflexão e na compreensão das causas que propiciam a renovação educacional.

I — A FILOSOFIA DEWEYANA

Como professor, John Dewey fundamenta toda sua pedagogia na ação. Como é que o aluno poderia agir em sala de aula? Propõe atividades em torno de um determinado problema. Em vista de um objetivo, em vista do problema, em vista de uma dificuldade a ser vencida, o aluno elabora um projeto e depois o executa. É o que se chama Método de Projetos.

Sendo um método ativo, o que leva o aluno ao trabalho é o interesse, interesse para alcançar o fim colimado e interesse pela própria ação. É pela ação que quer instruir, que quer educar.

Mas, como a base de qualquer ação está alicerçada no pensamento do homem e o homem é um ser em constante indagação, Dewey fundamenta sua teoria educacional numa Filosofia. O filosofar é o caminho intelectual em busca de soluções dos problemas do homem.

Na realidade, Dewey não concebe sua ação pedagógica a não ser com base numa filosofia da Educação que

está estritamente ligada a uma Filosofia Geral.

Não resta dúvida de que sua filosofia surgiu da angústia do nosso século e do século passado, angústia provocada pela industrialização e suas consequências. Os problemas se apresentavam tantos e com tanta insistência que necessário se fazia criar condições de solução. E, dentro dessa problemática toda, o centro de tudo era o homem. Dewey quis resolver o problema do homem enquanto homem. É eminentemente antropocêntrico, humanista. Diz ele que tudo o que se viesse pensar a respeito do ser humano seria no sentido de sua formação, de seu desenvolvimento. Essa formação provém da reconstituição constante e progressiva da experiência. Com isto, sua filosofia geral se liga estreitamente à filosofia da educação.

E o que é que caracteriza a filosofia de DEWEY? O naturalismo? O pragmatismo? O instrumentalismo? O Experimentalismo? Realmente, é tudo isto. Mas, tudo isto também pode ser aplicado a doutrinas filosóficas de outros pensadores.

A filosofia de Dewey não se baseia na experiência concebida pelos clássicos, pelos dualismos: objetivo-subjetivo, fenômeno-coisa em si, racional-sensível, etc., mas numa experiência concebida como um todo, como um complexo de relações que ocorrem entre o homem e o seu ambiente.

E o que é essa experiência? Como é que Dewey a entende?

A experiência deve ser tomada com toda a simplicidade e universalidade, como a compreende o vulgar, quando ele tem a experiência da doença e da prosperidade, do amor, do casamento e da morte. Experiência designa assim toda a tessitura de nossa existência, tudo o que é vivido, sofrido ou agido, feito ou contemplado, é ação e paixão. Ela se confunde com a própria vida humana na riqueza e complexidade de formas em que ela se apresenta. Experiência é ainda o que é experienciado, o mundo dos acontecimentos, das coisas e das pessoas e o ato mesmo de experienciar (experiençing). Em seu aspecto secundário, a experiência denota principalmente o processo cognoscitivo e reflexivo"*

"John Dewey: *"Uma Filosofia da Experiência"*, de Newton Sucupira, in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, do I.N.E.P., outubro-dezembro de 1960, n. 80, pág. 87"

Mais adiante continua: "... vê-se que para Dewey a experiência não se restringe ao puro conhecimento nem se reduz ao subjetivo, ela inclui a situação total com todos os seus ingredientes motivacionais, emocionais, e cognitivos. Ela é essencialmente dinâmica, porque é antes de tudo um processus. Sendo assim ela envolve situações de equilíbrio e desajustamento, donde a necessidade permanente para o homem de uma reorganização contínua da experiência, na qual o pensamento funciona antes de tudo enquanto método de investigação é ação".

O conhecimento tem valor pelos resultados obtidos durante as experiências. As idéias são meros instrumentos de reorganização das experiências. Os valores e ideais existem em função das situações concretas.

Em verdade, para Dewey, filosofar é equilibrar as crenças vivenciadas pelo homem com as crenças sobre os valores e objetivos que deveriam nortear toda sua conduta vital. Filosofar não é um conhecer especulativo da realidade, conhecer que nos revelasse os últimos fundamentos do ser. É a ciência que nos pode revelar a realidade.

Cabe à filosofia orientar a conduta do homem e para isso ele deve elaborar seu sistema de valores com base nos resultados da ciência positiva. O fim da vida não é a perfeição, mas o processus incessante de aperfeiçoamento, diz Dewey. Procura justificar os valores humanos, valores que dão real sentido e conteúdo humano à existência do homem, com base no método científico. Procura também libertar o homem de todas as ligações com o supra-sensível, com o sobrenatural. Exata-o, no entanto, e o faz capaz de progresso.

O grande papel da ciência foi o de agir sobre a natureza e de transformá-la. Agora ela deverá educar o homem e prepará-lo para a democracia. Mas, a culminância deste fato se dará quando esses novos métodos de ação e transformação forem transportados para o campo social.

A filosofia de Dewey é otimista e crê na possibilidade da integração do indivíduo na estrutura social. Os ideais humanos de liberdade e cooperação são uma constante em sua filosofia. Daí as grandes associações - Lyons, Rotary, etc. - associações de cooperação e de finalidade filantrópica.

A filosofia deweyana, que se baseia na experiência, é uma filosofia da ação. E esta filosofia da ação atingiu a educação. No entanto, a ação foi tão elevada que o ativismo se tornou um culto pedagógico e, até certo ponto, conseguiu esvaziar a educação dos valores acima do homem.

ESCOLA TRADICIONAL VERSOS ESCOLA PROGRESSISTA

Dentre as várias correntes filosóficas, políticas e sociais, pelas quais a educação brasileira foi envolvida durante os cinco séculos, talvez, nenhuma delas esteja tão próxima de nós como a que se pretende desenvolver neste trabalho.

Incontestável seria a premissa de se admitir um modelo de educação que de forma imediata resistisse aos problemas sociais, e de uma vez por todas, sustentasse um caráter mais efetivo e duradouro. Não sabemos, se de um lado, as constantes transformações porque tem passado a educação se prendem ao fato do despreparo dos seus diretos agentes ou se talvez a educação ainda não tenha delimitado o seu próprio fim, uma vez que, tudo se transforma como se fosse "coisinhas da vida cotidiana". A realidade é que o passado serve apenas de um fantasma para o presente, e que este, precisa receber uma nova roupagem, uma nova sofisticação, como se fosse a moda, a variar de estação para estação. Os livros escolares dos pais tornaram-se peças de museu na estante dos filhos e as grandes escolas do passado transformaram-se em teatros da vida presente. As palavras fê, amor e caridade não são aceitas porque entraram na lista da "cafonice" e foram substituídas pelas expressões "falô bicho", "Tã na tua", "vai ancorar noutro porto", etc. etc... E isto sim, é educação! Os pais, nada têm a ver com o que os filhos fazem com o quanto ganham e muito menos com quem estão agrupados. A escola está dividida em três grupos: A dos professores antigos, que expõem, que fazem discursos maravilhosos; a dos novos professores, que à luz da psicologia social não frustram seus alunos com trabalhos pesados, não se expõem, porque restringe a liberdade do educando, e por fim a dos alunos. Estes, (alunos) não se encontram nem com os primeiros, nem com os últimos porque ambos estão vivendo um mundo artificial e bem diferente daquele que se vive lá fora.

Os cursos, hoje têm um nome, amanhã outros, e as disciplinas se modificam quantas forem as modificações do currículo.

Interessante é, que no meio de tudo isso, fala-se em "ciência da educação". Ciência que para a corrente A tem como sujeito B e como objeto C, mas para outra, sujeito e objeto se confundem de acordo com a filosofia em voga.

A partir desse pessimismo exagerado é de se perguntar:

- a) Qual é realmente o fim da educação?
- b) Qual é a filosofia atual da educação brasileira
- c) O que é que se deve fazer para que se tenha uma educação mais viva, mais sólida?
- d) Que tipo de homem teremos amanhã com a educação que estamos desenvolvendo?

Não tivemos a intenção de levantar esses problemas para demonstrar o nosso repúdio pela educação, mas pelo contrário, para solidificar a consciência de que algo é preciso ser feito, é preciso ser melhorado.

Numa análise mais profunda, mais humana, talvez mais inocente, encaramos os problemas anteriores, desta vez, com os ânimos voltados para considerar os fatos pelo lado mais favorável, e a priori julgar que todo o desnorteamento da educação face aos desejos atuais se deve não só as falhas internas do problema, mas sobretudo às grandes transformações porque têm passado a própria sociedade. A educação, apesar de suas falhas, tem suportado a carga dos grandes conflitos, sejam eles de ordem política, social ou econômica. A educação não podia ser diferente, tudo isso é fruto do dinamismo, da pesquisa e do inconformismo. E isso é ruim? Não, muito pelo contrário, jamais poderemos parar no tempo e impedir que o progresso transforme as coisas.

Com a era industrial, o campo de ação do homem se expandiu e graças à tecnologia ele produz muito mais em menos tempo. É evidente que a transformação em uma das áreas da ação humana provoque na sociedade alterações de toda a natureza. E são estas alterações que estão se processando no campo educacional. A estabilidade da educação jamais poderá se efetuar, a não ser que pretendamos formar homens para resolver os problemas do passado, o que seria um absurdo. Os conflitos de ordem social, política, econômica e educacio-

nal sempre existirão porque eles são fruto da heterogeneidade que advém da cultura transformacional. Seria irrisório se quiséssemos que todos vivessem em um "manso lago azul", que todos aceitassem o transcorrer das coisas sem a mínima especulação. Esta investigação do homem é que lhe proporciona os atributos das grandes conquistas e com elas, surgem também as discórdias. Nesta situação, é a escola que enfrenta, não na linha de avanço, mas na retaguarda, os tropeços da sociedade na luta em favor de novos meios para conciliar o homem com as circunstâncias do progresso. Não é papel das escolas transformar ou impor modelos de vida para a sociedade. "As escolas são como os romancistas, também acusados de corromperem a sociedade. Elas, como eles, refletem, tão somente, o que já vai pela própria sociedade"*

O grande papel da escola é adaptar-se às necessidades do homem, é fazer com que o estudante aprenda o que lhe é de mais útil para a vida. Consoante as transformações, ela precisa não só acompanhar as aptidões dos alunos, como estimular e desafiar as potencialidades, a fim de que eles possam experimentar, pesquisar e realizar as suas aspirações.

Os objetivos da escola de ontem jamais poderão ser os de hoje, e estes servirão apenas de base para os de amanhã, dadas as discrepâncias no terreno social. Desta forma, os métodos de ensino, o conteúdo e as atividades devem acompanhar, ou melhor, atualizar-se de acordo com as necessidades psicológicas dos alunos. A escola do passado não é aceita, não por mera sofisticação do presente, mas sobretudo porque a realidade de hoje é bem diferente daquela de outrora.

Os programas de ensino estabelecidos a priori e o sistema de educação forçado que impunha ao aluno as condições de aprendizagem à base do castigo ou do prêmio, forçavam a criança a encarar a tarefa de aprender como algo involuntário, penoso, mas de obrigatoriedade para a vida. A escola atual tem aproveitado as grandes sementes da escola tradicional, uma vez que, não se pode negar a ação frutífera de grandes profes-

1) TEIXEIRA, Anísio. *Filosofia da Educação. A Escola Progressiva ou transformação da Escola*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971. pág. 20.

sores; entretanto, dia a dia ela procura substituir o ensino livresco, imposto e verbalístico pela atividade, pela experiência e pela ação dinâmica do aluno.

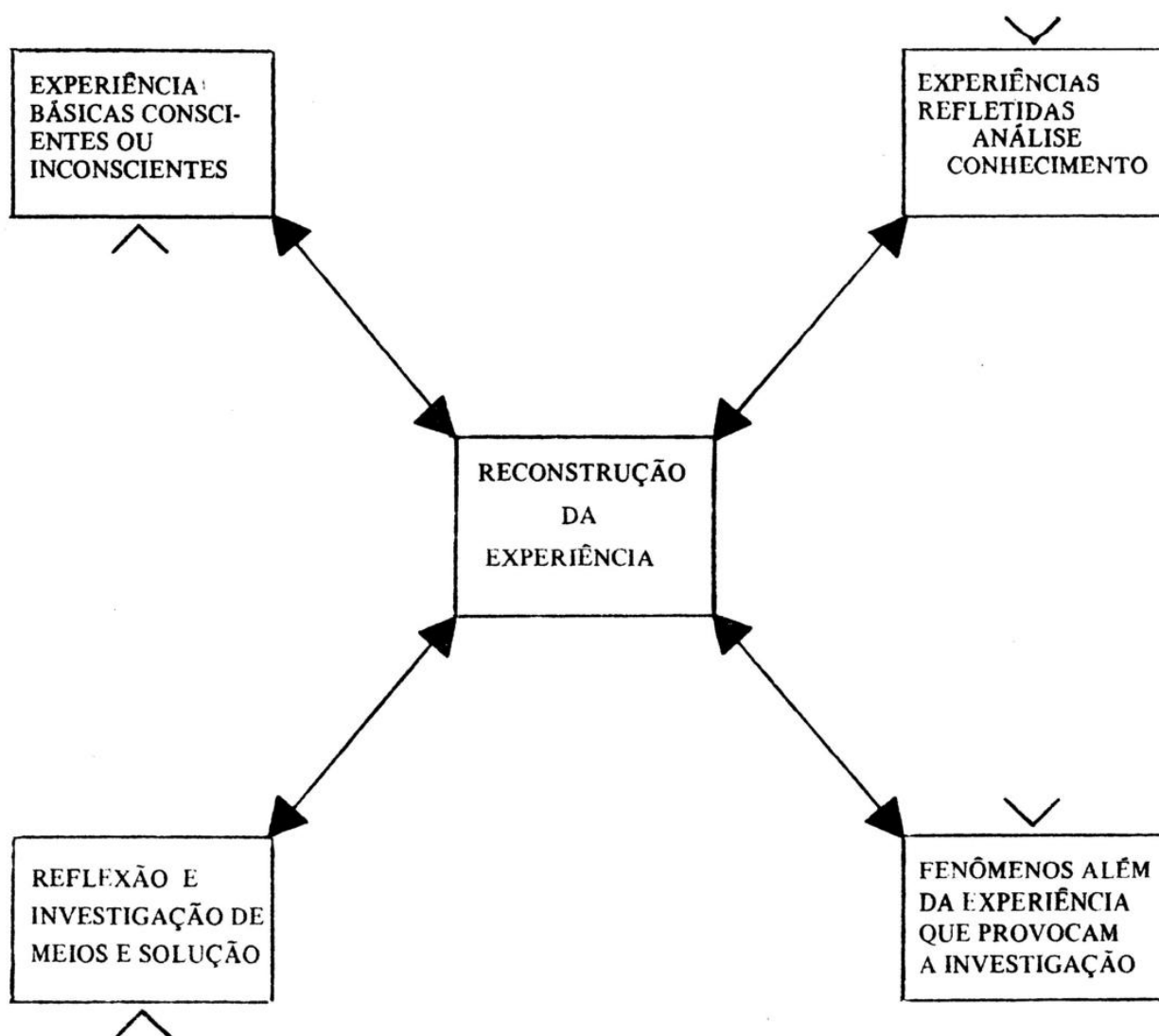
Na situação da escola tradicional "o professor vê-se como o fornecedor de informações. É o especialista de uma determinada matéria. Faz com que esta matéria seja conhecida dos alunos. A sua arte é a arte da exposição. Os alunos recebem a informação, que é fornecida coletivamente. Dão prova de uma receptividade e de uma assimilação correta através do "dever" individual. O mestre verifica essa receptividade e essa assimilação pela correção individual da "cópia". A dimensão que este modo de relação subentende é a da subordinação hierárquica de tipo paternal ou maternal. O sucesso é individualmente gratificado e o fracasso individualmente sancionado pela aprovação ou desaprovção privadas ou públicas. As relações alunos-alunos, se existem, dependem da competição (classificação, quadros de honra, prêmios, etc.). Os defeitos deste tipo de relação são bastante conhecidos. O principal depende do contexto afetivo que acompanha qualquer comunicação hierárquica: passividade, mutismo, ou mesmo reação de fuga ou de hostilidade nos alunos".*

A colocação a que nos propomos salientar a respeito da escola do presente e a escola do passado, não teve a intenção de ressaltar as falhas de uma e de glorificar os resultados de outra, mas de enfatizar a necessidade de transformação ininterrupta da ciência educacional, face às pesquisas do meio e das próprias exigências sociais.

Esta escola progressiva se destina a ser a escola de uma civilização em mudança permanente (Kilpatrick) e tem se desenvolvido mais acentuadamente após as pesquisas de John Dewey, nos Estados Unidos, e das tentativas de Anísio Teixeira, no Brasil, o que constituirá a parte fundamental deste Trabalho.

2) LEGRAND, Louis. *A Didática da Reforma*. Rio, Zahar Editores, 1973. Pág. 61.

Esse fenômeno se conduz em forma de anéis que se transformam e se reproduzem infinitamente.



AS CATEGORIAS DO PENSAMENTO, SEGUNDO JOHN DEWEY

Para fundamentar a experiência como expressão da atividade escolar, Dewey classifica quatro tipos de pensamento, a partir do mais simples ao mais complexo. As palavras pensar e pensamento ganharam um sentido tão amplo que se torna necessário determinar a compreensão de cada um deles, bem como determinar as suas características à luz de exemplos esclarecedores. Numa primeira tentativa, podemos dizer que pensamento nada mais é do que o ato de pensar; ato de inteligência, fantasia, idéia, mente ou espírito.

Por um lado, seria por demais abrangente aceitarmos estas palavras como sinônimas e de outro, estaríamos diminuindo a sua extensão de conjunto, se quiséssemos atribuir um conceito restrito a cada um dos termos. Na verdade, eles se interpenetram e se complementam, quando não, se confundem. A nós, particularmente não interessa traçar as suas relações, uma vez que, não é intenção nossa organizar um universo semântico em torno das palavras.

Numa segunda acepção "o pensamento é o modo de conhecimento não intuitivo dirigido ao ente enquanto tal e as relações implicadas no seu sentido. Ele perfaz-se no espírito humano em variados atos de apreensão e de tomada de posição (interrogação, dúvida, etc), a fim de, no assentimento do juízo, abarcar de modo definitivo (ou que se julga ser definitivo) um objeto. Numa contemplação rítmica passa-se da contemplação tranquila de um objeto (apreendido) ao processamento e busca de conhecimentos sempre novos (pensar discursivo) e do ato de entender, meramente em forma reprodutiva, uma verdade apresentada, mediante a compreensão de suas relações lógicas com verdades adquiridas noutra ocasião (pensamento reprodutivo), transita-se a um pensamento criador mais independente (inspiração, intuição)"*

Colocados os pontos antecipadores que caracterizam o pensamento, resta-nos classificá-lo de acordo

3) *Dicionário Ilustrado Formar* – Pág. 2111, V. 5

com as presunções do autor em pauta, a fim de que possamos, a medida que se desenvolve o trabalho, fundamentar as apreciações da ação da escola progressiva, consoante os princípios da dimensão terminológica. Dewey classifica o pensamento em quatro categorias sucessivas:

(1) Em sentido amplo ou vago, o pensamento é tudo o que se passa em nosso espírito, tudo o que nos vem à cabeça - é a forma de conscientizarmos nos de alguma coisa. Este tipo de pensamento se caracteriza por determinados "saltos da consciência", ora em um sentido, ora noutro, sem uma sequência lógica e sistemática. É o pensamento característico da recordação que traz em seus devaneios a indefinição de imagens ou idéias casuais e desconexas.

(2) Numa segunda classificação, ou seja, em sentido mais limitado, pensar é ter no espírito as coisas que não vemos, ouvimos, tocamos ou sentimos. É uma sucessão de incidentes e de episódios apenas imaginários. Este tipo de pensamento se caracteriza por uma certa coerência e se apresenta de forma contínua, mas na maioria das vezes é entremeado de caprichos caleidoscópios de fantasias, entretanto, suas considerações objetivam determinadas conclusões. Este é o tipo de pensamento que prepara o caminho para o pensamento reflexivo, porque, se de um lado é incoerente e desconexo, de outro é, ou pode ser lógico e sequencial. As histórias narradas pelas crianças exemplificam bem esta característica, uma vez que, ora seguem determinada sistematização e ora se atiram para o campo da inverdade e da pura imaginação irracional.

(3) A terceira classificação do pensamento se limita por duas posições extremas:

3.1. A primeira caracteriza o tipo de pensamento que não se preocupa ou não se esforça para verificar a solidez dos fundamentos em que se apoia. Neste caso, o pensamento aceita as afirmações tidas como verdadeiras, sem buscar outros requisitos que provem, que alicercem tais verdades.

3.2. A segunda, ao contrário da primeira, exige um exame para verificar os fundamentos ou as ba

ses que determinam tais verdades. Todas as convicções se apoiam em alguma verdade ou espécie de prova ou testemunha.

(4) O pensamento reflexivo vai além da busca de verdades. A reflexão não é uma sucessão e sim, uma série lógica de idéias concatenadas. Este pensamento deriva dos anêis antecedentes e dá origem a uma corrente subsequente. Este é o ato de pensar em seu sentido mais elevado, porque, permanentemente provoca a investigação consciente da natureza das conclusões e das bases da crença. É ainda, o tipo de pensamento, que diante da investigação propõe hipóteses diferentes para a resolução de um determinado problema. É a partir deste tipo de pensamento, que Dewey desenvolve a sua proposição de atividades por meio de experiências, o que tentaremos abordar no capítulo seguinte.

Para ilustrar melhor a classificação do pensamento, conforme a abordagem anterior, apresentamos, numa tentativa de esclarecer e de focalizar as suas categorias, um quadro demonstrativo que vertical e horizontalmente, reúne as suas colocações.

Classificação do pensamento	Definição ou conceituação	Exemplos	Características	Importâncias
CASUAL	É o tipo de pensamento que se caracteriza por trazer à mente tudo o que se passa no espírito, tudo o que nos vem à cabeça.	O homem que pensa em ser rico. O tipo que projeta viagens fantásticas	É apenas uma recordação; Faz-se castelos no ar; Imaginar um rosto em uma nuvem..	É apenas uma ilusão. Nada significa para a ação a não ser um devaneio do espírito
ILÓGICO	É o tipo de pensamento que nos faz presente no espírito as coisas que não estamos vendo, tocando, ou de qualquer forma sentindo.	As estórias contadas pelas crianças. O homem que não viu o desastre, mas o descreve como se estivesse presente.	Um as idéias são conexas e ordenadas e outras incoerentes e ilógicas	É assistemático e sem valor para a ação.
CONFORMATIVO	É o tipo de pensamento que não nos provoca esforço para verificar a solidez do terreno em que se afirma	Aceitar a afirmação dos antepassados de que a terra é plana e se conformar com a verdade.	Não se preocupa com as verdades. Aceitam-se as coisas como elas são.	Não vai além da conformidade.
REPRODUTIVO	É o tipo de pensamento que exige provas ou testemunhas para comprovar os fatos tidos como verdadeiros.	Colombo não aceitou a afirmação da terra como plana e buscou outras verdades, descobrindo a América (Terra redonda).	Duvidar das coisas e exigir provas. Não se conformar com as verdades.	É muito bom porque as alternativas não são aceitas sem serem examinadas.
REFLEXIVO.	É o pensamento que tem uma sequência lógica e exige um exame de toda a crença ou espécie hipotética de conhecimento. É o pensamento que tem como base a dúvida e a pesquisa.	A estrada se bifurca em dois caminhos, e ao invés de arriscar, simplesmente, um deles: a) subi em uma árvore para constatar ao longe; b) olhei em um mapa; c) perguntei em uma casa.	Além das dúvidas subentende o exame das bases e dos fundamentos para chegar a conclusões. Exige a investigação consciente da natureza das conclusões. É contínua e propõe hipóteses.	É o mais alto grau do pensamento. Provoca a experiência e a reflexão heurística. É dinâmico, transitório e persistente.

A TEORIA DE EDUCAÇÃO DE JOHN DEWEY

Para fundamentar os princípios de uma nova escola, ou de uma escola progressiva, John Dewey alicerça sua teoria com base na reconstrução da experiência. Segundo o autor, o universo passa por uma série de transformações à medida que os corpos agem uns sobre os outros.

No plano físico os corpos se relacionam reciprocamente, sem contudo procurar conservar a sua espécie e por consequência se transformam totalmente, enquanto que na vida, esta transformação se dá mais no sentido de adaptação, preferência e seleção. Entretanto, essas transformações atingem, de acordo com a natureza própria, não só o ângulo biológico, mas também o psicológico, que é fruto de contínuas reflexões transitórias. Essas transformações não se acentuam apenas nos elementos exteriores do homem, mas sim em toda a natureza, uma vez que, em forma de interação há dois elementos que se modificam reciprocamente:

- 1) O agente do conhecimento;
- 2) O objeto conhecido, ou seja, a situação do conhecimento.

Desta forma, a interação existente entre o sujeito e o objeto do conhecimento não modifica somente este último, porque o promotor da ação também se transforma, a medida que se processa a alteração no conjunto.

No campo pedagógico, toda essa gama de transformações não se processa ao acaso, mas é algo contínuo, transitório e sistemático. A sistematização da ação do sujeito sobre o plano objetivo é entendida, desta forma, como a reconstrução da experiência.

É por meio dessa reconstrução que o homem se lança no campo da investigação, transitoriamente, apoiando-se nas bases já adquiridas e atirando-se em busca de novos conhecimentos.

Se voltarmos aos conceitos anteriores do pensamento, vamos considerá-lo como a parte mais importante ao desenvolvimento da experiência humana. Reconstruir a experiência subentende-se aproveitar os fundamentos básicos do pensamento reprodutivo e elevá-lo ao nível da reflexão, ou seja, da busca de novas alter

nativas para a solução de um problema novo.

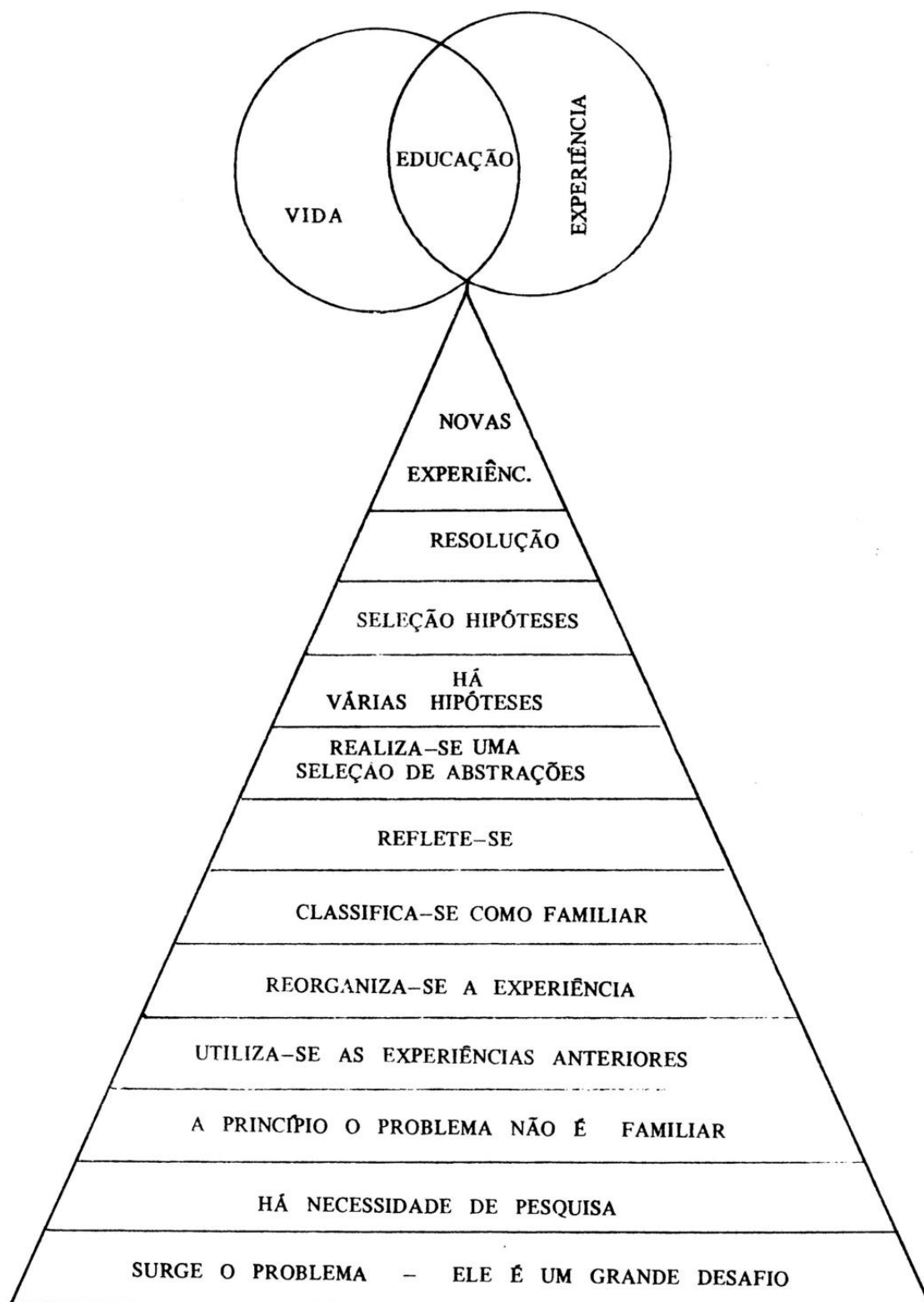
Todas as vezes que a experiência for trabalhada (reconstruída) promove-se um processo de aquisição de novos conhecimentos, e estes, por sua vez, se adaptarão a novas situações, dando um sentido dinâmico à vida, transformando o homem em um ser capaz, em um ser educado. A partir daí, Dewey define a educação como "um processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras". É por meio deste processo de reconstrução e reorganização da experiência que a educação mais se identifica com a própria vida, aliás, segundo o autor, a educação não é a preparação para a vida ela é a vida pela sua própria natureza.

A experiência é, a partir daqui, a reorganização das potencialidades do homem, a fim de conduzi-lo a uma vida melhor e mais bela. Portanto, é de se retomar o problema do capítulo anterior e voltar a perguntar: Qual é realmente o fim da educação? Consoante o autor em estudo, a educação é a vida, e experiência é a reorganização desta vida, portanto, o fim da educação não é apenas um ideal a ser atingido no futuro, mas uma realização, uma experiência, uma felicidade imediata, o que nos faz sentir a identificação entre o processo da educação com os fins a que se propõe atingir. Há uma concomitância entre desenvolvimento do processo e os fins imediatos. Desta forma, o homem não se prepara para ser, ele é em todos os momentos a sua maior expressão, dependendo, evidentemente das condições que lhe forem propiciadas; do esforço que empregar para conseguir vencer, e do interesse pelo que tem a desenvolver. Na unificação da experiência, educação e vida, todo o processo de reconstrução se alia a um problema, e deste, surge o dinamismo para conseguir paulatinamente atingir o resultado máximo.

O papel da escola progressiva é de propiciar estas condições dinâmicas ao educando, substituindo a monotonia, a passividade da escola antiga, que fornecia tudo pronto e acabado, pelo desafio, pela experiência transitória e imediata. São assim a escola se alia à sociedade, auxilia o homem a se tornar útil e prático.

Com base na teoria de Dewey e nos conhecimentos

de Benjamin Bloom associamos o pensamento à experiência e ao problema e arquitetamos o seguinte gráfico:-



EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E INDIVÍDUO

A educação é realmente ciência no momento em que se confunde com experiência, uma vez que, esta pode ser controlada à luz das causas e dos efeitos. Desta forma, a hipótese formulada pode estabelecer determinadas relações entre o antecedente e o conseqüente. Todo o processo anterior, visto na demonstração do gráfico é possível de ser controlado, analisado e refletido à luz de cada passo seqüencial, e daí, podemos inferir que o comportamento de saída se transformou devido aos impulsos de cada degrau do processo.

Bacon sugere quatro regras importantes para a experimentação:

(1) "Alargar a experiência - é aumentar pouco a pouco e tanto quanto possível, a intensidade da suposta causa, para ver se a intensidade do fenômeno (= efeito) cresce na mesma proporção.

(2) Variar a experiência é aplicar a mesma causa a objetos diferentes.

(3) Inverter a experiência - consiste em aplicar a causa contrária da suposta causa, a fim de ver se o efeito contrário se produz. Esta contra-prova experimental faz suceder as experiências negativas às positivas. Assim, depois de decompor a água pela análise, inverte-se a experiência, fazendo a síntese a partir do hidrogênio e do oxigênio.

(4) Recorrer aos casos da experiência. Por vezes, é preciso recorrer aos casos da experiência de ensaio, "a fim de procurar pescar em águas turvas", como diz Claud Bernard".*

Todos esses fatores ou regras devem ser considerados pelos professores que orientam o educando durante o processo da experiência. São assim, a educação é comprovadamente científica e não vacila, mas dá condições para que o aluno se sinta útil, porque a ação desenvolvida se identifica com os aspectos psicológicos da aprendizagem.

4) CERVO, A. L. e BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. São Paulo, Editora Mc GRAW - HILL DO BRASIL, Ltda. 1974 - Pág. 43

A função da escola atual tem sido a de preparar o homem para reproduzir as lições do mestre, e isto não significa educar. Jamais o aluno se sentirá envolvido pelas condições de ensino aprendizagem se seu único papel for o de assistir exposições e de sentir-se oprimido pela imposição de um programa em desuso. A escola é realmente uma instituição do sistema social, se não a fosse, não haveria razão de existir. Desta forma, a escola precisa preparar homens responsáveis pelas suas ações e não acovardá-los por de trás de máscaras artificiais. É por meio da experiência que o aluno se sente inserido no processo ensino-aprendizagem, e assim, as condições psicológicas serão desenvolvidas, à medida que, a escola se confunde com a própria sociedade. Ela é realmente uma sociedade em miniatura, e a sendo, deverá ser tão útil, tão pragmática que não dê margens anacrônicas à inutilidade. O indivíduo deve ser valorizado pelas suas próprias realizações, caso contrário, se sentirá perdido no espaço e no tempo. Isto significa que, além dos aspectos normativos, deve-se considerar os aspectos individualizantes do comportamento. Deve-se, além dos aspectos sociológicos de análise, incluir os aspectos psicológicos.

A TRANSFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE

A universidade, como as outras instituições educacionais, teve uma evolução muito lenta. Surgida na Idade Média, entre corporações de operários, negociantes ou artistas, conservou um espírito de segregação, apesar de mais tarde ter se adentrado no campo da pesquisa. Propulsora da cultura clássica, partia do saber do passado para o saber do futuro, sem se preocupar com o saber aplicado e utilitário, enfatizando o culto à vida do espírito.

Mais tarde, no início do século XX, a universidade começou a se preocupar com a aplicação do conhecimento, entretanto ainda cultivava a formação profissional, com base na formação do clero, do bacharel em Direito, do Médico e do Engenheiro. Guardava ainda no seu seio a tradição da cultura geral, da cultura clássica, para mais tarde tentar se afirmar no terreno da ciência experimental.

Daí se pressupõe que a universidade começou a se transformar com o advento das três revoluções do nosso tempo: científica, industrial e democrática.

Até os meados da independência, o Brasil se servia da universidade de Coimbra, que por sua vez, tinha suas origens medievais e refletia Bolonha e depois Paris, cuja influência foi implantada aqui, por todo o período colonial.

Depois da 1ª. Guerra Mundial, mais precisamente em 1930, tivemos copiosa retórica sobre universidade, mas a sua estrutura não mudou, o que tínhamos era uma série de escolas profissionais frouxamente coordenadas por uma reitoria mais simbólica do que real.

Ao final da década de 30, surgem as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras com finalidade de preparar especialistas, mas que não passaram de escolas de preparo do professor secundário.

Dessa universidade encontramos toda a tradição universitária, com todas as suas vicissitudes: o gentleman, o sério e o apaixonado pelos estudos, o inconformado, o militante político, o boêmio, o prático a se preparar para a profissão, etc.

Na década de 60 surge o movimento da Universidade de Brasília. Daí, surge a aglutinação das três idéias a respeito da universidade:

- 1) A função formadora e de cultura básica;
- 2) a função de preparo ao especialista - o curso de pós-graduação e pesquisa;
- 3) a idéia de serviço e integração na sociedade brasileira e nos seus problemas.

Na realidade, a universidade brasileira nunca conseguiu se despojar dos princípios herdados da europeia. Nesta universidade, ao invés de se formar especialistas em "universalidades", evidentemente cada área com a sua função específica para a formação de um profissional habilitado, se formou o homem culto, para não limitar valores, mas sem um real aprofundamento humanístico, tecnológico ou científico.

A metodologia não ultrapassou os limites da escola secundária: o professor, a grande enciclopédia viva, o transmissor de conhecimentos e o aluno, o receptor, indeciso, passivo e desencorajado.

A renovação na universidade só se faria presente, na medida em que o aluno se confundisse com o agente e o agido pelas transformações, isto é, na perspectiva de um profissional inserido numa empresa capaz de evidenciar uma produção científica e racional no campo da educação.

Por outro lado, as condições econômicas atribuídas à universidade não permitem além de preparação humanística de cultura geral, uma vez que os cursos tecnológicos e científicos exigem um maior investimento em termos de educação. Não se tem levado em consideração a relação eficiência-eficácia, graduados X possibilidades no mercado de trabalho, etc.

A metodologia utilizada é a mais grave de todas as situações, uma vez que, é impossível se formar um profissional, proporcionando-lhe condições de experiências, se a estrutura básica exige mais o número estatístico de graduados que a sua qualidade intrínseca e extrínseca.

Um ensino ativo pressupõe experiências e estas propõem pesquisas, que por sua vez sugerem hipóteses. Toda essa gama necessita de recursos, sejam eles materiais ou humanos. São assim, a Universidade se adentrará no campo da experimentação e impulsionará recursos econômicos e humanos capazes de gerar produção e ciência.

CONCLUSÃO

A educação brasileira, como já vimos em partes anteriores deste trabalho, arrastou durante quase cinco séculos um culto generalizado às ciências humanísticas.

Na segunda parte deste trabalho interrogamos sobre a ciência e a filosofia da educação. Agora, avultam-se novamente as mesmas questões com a finalidade de fazermos uma introspecção e extrospecção sobre o posicionamento da corrente aqui estudada. Daí, ressurgem um conjunto de novas questões: a educação brasileira vive em conflito com a sua própria natureza orgânica. É muito bom, pois retrata a sua dinamicidade, a sua transformação, mas: até quando a escola continuará distante do elo social? Como é que a educação participará direta e indiretamente de todos os propósi-

tos sociais? Por que a educação, por meio da escola não tem conseguido ativar as condições econômicas do país?

A Lei 5.692/71 surgiu da necessidade da reformulação da escola em seu sentido generalizado. Não bastava um país como o Brasil, formar homens para a cultura restritamente humanística. A formação de técnicos especializados transcende as expectativas sociais. É preciso que a escola seja, conforme quer Dewey, a reconstrução das experiências necessárias ao desempenho do exercício profissional. O divórcio existente entre o que se quer e o que se faz deve ser substituído pela integração ativa do homem tanto nos meios como nos fins da educação.

O Parecer 853/71 classifica legalmente a metodologia didática em três grandes ramos especiais: é, somente por meio de atividades que o aluno terá condições de pensar, a partir do concreto, para chegar aos mais altos graus da reflexão. Aí, nesta contextura se reúnem dois processos fundamentalmente significativos: o lógico e o psicológico. É no entremeado deste processo que se agregam esforço e interesse no sentido de despertar a consistência no que se experiencia com as expectativas surgidas da necessidade interior e exterior.

É a pesquisa um meio eficiente de colocar o aluno frente aos problemas que o circundam no meio social.

As áreas de estudos, por sua vez (de 5a. a 8a. série), configuram o processo ensino-aprendizagem de forma interdependente. É nesta fase que os fundamentos da educação, também com apoio na Psicologia da Personalidade aglutinam os conhecimentos sistematizados às atividades experienciadas.

É nas escolas de IIº Grau, isto é, no início da escola profissionalizante que o aluno tem condições de estudar especialidades isoladas do conjunto. Nesta fase a pesquisa exerce também um fator preponderante na vida dos educandos.

Dentre as cinco abordagens de currículo feitas por Eisner e Vallance a teoria de John Dewey e Anísio Teixeira, como toda a problemática da renovação da escola, flutua entre "currículo como reconstrução social porque se preocupa com os aspectos sociais do indivi-

duo e se delinea em perspectivas de renovação e conservação. Por outro lado, esta teoria se aproxima do currículo como auto-atualização, porque preconiza a liberdade do exercício por meio da experiência, oportunidade que objetiva o crescimento global e indefinido do educando. Também, preocupada com o como ensinar, apresenta aspectos do desenvolvimento do processo cognitivo, uma vez que, as habilidades do conhecimento são indispensáveis aos processos de pensar e de descobrir.

A investigação científica, humana e social não surgiu agora. Sócrates já mencionava: "conhece-te a ti mesmo", Descarte elaborou um discurso sobre a dúvida metódica, Lavoisier insistia que "nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. A transformação do objeto nas mãos do experimentador, transforma também o seu agente e o aguça a procurar incessantemente novos problemas, novas hipóteses que mais tarde serão reconstruídas, reorganizadas e transferidas para novas tentativas e especulações.

Na realidade, só agora temos condições de afirmar que a escola se transformou, se renovou. Não conseguiu se afirmar solidamente, mas já busca incorporar atuações novas aos problemas que circundam o meio social, técnico e humano.